

“Beowulf’s life, though full of away wins, ends in a home defeat.”
(Alexander, 1984, 17)

“Les temps héroïques sont passés.”
(Léon Gambetta, 1838-1882)

Em Setembro de 2007 disputou-se em França a Taça do Mundo de Râguebi, tendo a equipa das quinas averbado os seguintes resultados:

09.09.2007: Portugal, 10 - Escócia, 56.

15.09.2007: Portugal, 13 - Nova Zelândia, 108.

19.09.2007: Portugal, 5 - Itália, 31.

25.09.2007: Portugal, 10 - Roménia, 14.

Feitas as contas e o correspondente balanço, este percurso competitivo pode ser sumariado como de derrota em derrota até essa ‘vitória moral’ com que tantas vezes se disfarçam, suavizam e auto cicatrizam os desaires, quase se convertendo as ‘derrotas no campo’ em ‘vitórias na secretaria’ da modalidade envolvida. Com efeito, e apesar desta trajectória de inêxitos, os “Lobos” foram, em casa e lá fora, aclamados como ‘heróis’ e é esse epifenómeno que conviria interpretar sociológica e culturalmente. Como se explica a adesão e reacção populares às sucessivas derrotas da equipa de todos nós? Pelo facto de a simples passagem à fase final da competição constituir desde logo e por si só o melhor resultado

¹ Este artigo é dedicado *ex-aequo*, com amizade e carinho, a duas representantes de distintas gerações do anglicismo medievalista português: à Dr^ª. Maria Helena Rodrigues de Carvalho (FCSH-UNL), que, em 1980-81, nos abriu as portas e janelas da literatura medieval inglesa, e à Prof^ª Doutora Maria Angélica Varandas (FLUL), que as mantém(erá) sempre abertas.

² Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), pela qual obteve a licenciatura (Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses e Ingleses, 1981), o mestrado (Estudos Anglo-Portugueses, 1986) e o doutoramento (Cultura Inglesa, 1996). Docente na FCSH-UNL desde 1983-84 e Leitor de Português na Universidade de Birmingham, Inglaterra (1986-87 a 1988-89). Investigador do *Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies* (CETAPS) da FCSH-UNL e colaborador do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Autor, além de c. de quarenta artigos, de *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837)*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian. 2001. Co-editor (com Luís Krus e Maria Adelaide Miranda) de *Animalia. Presença e Representações*. Lisboa: Edições Colibri, 2002; (com idem) de *A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Edições Colibri, 2005; (com Carlos Ceia e Iolanda Ramos) de *Letras & Ciências. As Duas Culturas de Filipe Furtado. Volume de Homenagem*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2009; (com Maria Zulmira Castanheira) de *O Rebelde Aristocrata. Nos 200 Anos da Visita de Byron a Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, “Studies in Classicism and Romanticism”, nº 1 (2010) (Web <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1304id2302&sum=sim>>).

nacional de sempre? Por serem amadores? Pela humildade e pelo desportivismo patentes no reconhecimento e na aceitação da superioridade adversária? Pela maneira emocionada e vibrante até às lágrimas como cantaram o hino nacional, não se deixando intimidar face à guturalidade primeva do *Haka* neozelandês?

Perguntar-se-á: mas o que tem isto a ver com um ‘herói³ do mar’ escandinavo que jamais jogou rãguebi com os “Lobos” lusitanos? De facto, não obstante a reiterada superlativização de Beowulf,⁴ bem como as *nuances* panegíricas patentes nas proezas (quase todas inverosímeis...)⁵ que lhe são atribuídas, as brilhantes campanhas do guerreiro *Geat* são pontilhadas *pari passu*, com intrigante regularidade, por lances e situações de **falhanço**, de **fracasso** --- **mesmo as vitórias** ---, sem que eles coloquem aparentemente em causa a dimensão e o estatuto **heróicos** do protagonista. Antes de abordarmos, sob este prisma, o poema em apreço,⁶ lembraríamos que o XXIX Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos - APEAA (Aveiro, 17-19.04.2008) elegeu precisamente “Success and failure” como tema aglutinador, propondo como um possível subtema “tragic failure and comic success: comic failure and tragic success”,⁷ se bem que nada haja de cómico nos insucessos

³ Utilizamos este termo não apenas no sentido corrente de alguém detentor ou credor de qualidades e acções de elevada --- ou mesmo singular --- estatura ética, moral, social, humanitária, religiosa ou outra, mas também na acepção funcional e específica de personagem literária.

⁴ “He was for main strength **of all men foremost** / that trod the earth at that time of day; / build and blood matched.” (Alexander 1984: vv. 196-198, 57), “I have not in my life / set eyes on **a man with more might** in his frame / than this helmed lord. He’s no hall-fellow / dressed in fine armour, or his face belies him; / he has the head of a hero.” (*ibidem*: vv. 247-251, 59), “(...) many said, / that between the seas, south or north / over earth’s stretch **no other man** / beneath the sky’s shifting **excelled Beowulf**, / of all who wielded the sword he was **worthiest** to rule.” (*ibidem*: vv. 857-861, 78), “His dealings were honourable: in drink he did not strike / at the slaves of his hearth; his heart was not savage. / The hero guarded well the great endowment / God had bestowed on him, **a strength unequalled** / among mankind.” (*ibidem*: vv. 2178-2182, 119-120) ou os versos finais, após as exéquias do herói, “They praised his manhood and the prowess of his hands, / they raised his name; (...) / they said that he was of all the world’s kings / the **gentlest** of men, and **the most gracious**, / the **kindest** to his people, the **keenest** for fame.” (*ibidem*: vv. 3173-3182, 151); negritos nossos. Muitos destes atributos (bravura, generosidade, prodigalidade, hospitalidade, sentido de protecção do seu povo, etc.) integravam, de resto, o código ideal de conduta do chefe --- ou do rei --- anglo-saxão.

⁵ Além de dele se dizer, por exemplo, ter a força de trinta homens (*ibidem*: vv. 379-381, 63), na primeira alocução de Beowulf a Hrothgar alude-se à luta com cinco gigantes e serpentes marinhas (*ibidem*: vv. 418-423, 64); na resposta a Breca, Beowulf referirá igualmente ter matado monstros marinhos, após cinco dias e cinco noites de travessia braçal (*ibidem*: 68). Por último, é-nos dito que, após a morte de Hygelac, Beowulf conseguiu atravessar o mar, carregando trinta cotas de malha (*ibidem*: vv. 2359-2362, 125; sobre este episódio, cf. *infra*, n. 25).

⁶ O recurso a uma tradução e edição em inglês moderno deve-se à maior acessibilidade comercial, facilidade de reprodução tipográfica e inteligibilidade do texto por parte de públicos não detentores de formações e competências anglicistas a nível universitário. Dado o elevado volume de transcrições, reduzir-se-á doravante a referência bibliográfica à simples indicação do(s) verso(s) e da(s) página(s) em causa.

⁷ Como lembra Tillyard, “The tragic has (...) for a long time been allowed to exist outside the limits of strict tragedy; it has been found in *Beowulf* (...): the comic exists in many places outside the comic drama.” (Tillyard 1966, 5)

que marcam as lutas de Beowulf contra Grendel, a sua mãe e o dragão, em crescente grau de periculosidade e letalidade.⁸

Composto provavelmente no século VIII em Northumbria ou Mercia,⁹ mas sobrevivendo apenas em versão integral, no dialecto de Wessex, no ms. *Cotton Vitellius A. xv*, fols. 132r-201v (c.1000), *Beowulf* é um poema épico-heróico¹⁰ assente em patrimónios, tradições e memórias históricos, literários e lendário-mitológicos germano-escandinavos dos séculos V e VI. A interação dos *Geats* de Beowulf e Hygelac, estabelecidos no sul da Suécia, e dos *Scyldings* ou Dinamarqueses de Hrothgar, habitantes de Heorot, traduz-se nos funerais que enquadram o enredo (o de Scyld Shefing, no início, e o de Beowulf, no final), envolvendo numa quase uterina circularidade a estrutura dicotómica deste texto que as ondas dos mares do Norte embalaram e trouxeram até nós. Na verdade, *Beowulf* pode ser lido como *A Tale of Two Ages*, sejam elas a juventude e a velhice do herói, a juventude de Beowulf vs. a velhice de Hrothgar e a velhice de Beowulf vs. a juventude de Wiglaf,¹¹ ou até mesmo as idades de fundação e extinção, apogeu e declínio, de povos e civilizações, sem deixar de ser também, a um nível talvez mais subliminarmente alegórico, um poema sobre a transitoriedade da Fortuna e a própria passagem do Tempo, “that great mystery (...), the illimitable, silent, never-resting thing called Time, rolling, rushing on, swift, silent, like an all-embracing ocean-tide, on which we and all the Universe swim like exhalations, like apparitions which *are*, and then *are not*: (...)” (Carlyle 1973, 246). Neste texto marcado por tantas outras antinomias (Humano/Não-Humano, Dia/Noite, Luz/Trevas, Bem/Mal, Vida/Morte, Celebração/Lamentação,

⁸ “A consistent pattern emerges in the accounts of Beowulf’s three great fights. As regards the treatment of the motives of weapons, treasure, and society the fights form a progression (...). In each, the measure of the hero’s success is in inverse proportion to the extent of his use of weapons and armour, his acquisition of treasure, and his need of help from his companions.” (Rogers 1980, 235-236)

⁹ A sugestiva apresentação de *Beowulf* como “(...) a poem which has come out of a cold cell in a Northumbrian cloister.” (Legouis e Cazamian 1948, 25) e, portanto, também ele uma peça do chamado “Renascimento de Northumbria”, Dorothy Whitelock contrapõe Mercia (Whitelock 1951).

¹⁰ *Beowulf* é por vezes apresentado como uma epopeia ‘tradicional’, ‘primitiva’ ou ‘primária’, no sentido de que a matriz original de composição e circulação orais antecede visivelmente a fixação escrita na/atraves da qual o texto sobrevive (cf. Cuddon 1981, 225-226 e Baldick 1991, 70-71). Maria Angélica Varandas recorda, porém, algumas divergências e variações taxonómicas (Varandas 1999, 320, n. 17) e, na verdade, embora os críticos e estudiosos do poema optem regra geral por classificá-lo como “épico” ou “heróico”, as duas rotulações coexistem por vezes indistintamente num mesmo autor. Enquanto Paul Merchant, por exemplo, inclui *Beowulf* na rubrica “Heroic epic” (Merchant 1971, 15-21), para J. R. R. Tolkien, “*Beowulf* is not an ‘epic’, not even a magnified ‘lay’. No terms borrowed from Greek or other literatures exactly fit: there is no reason why they should. Though if we must have a term, we should choose rather ‘elegy’. It is an heroic-elegiac poem: and in a sense all its first 3,136 lines are the prelude to a dirge: (...)” (Tolkien 1980, 85)

¹¹ “It is essentially a balance, an opposition of ends and beginnings. In its simplest terms it is a contrasted description of two moments in a great life, rising and setting; an elaboration of the ancient and intensely moving contrast between youth and age, first achievement and final death.” (Tolkien 1980, 81)

Cristianismo/Paganismo, etc.),¹² deter-nos-emos num tópico que Tolkien (a quem provavelmente se deve a (re)descoberta e (re)valorização modernas da obra como um ‘monumento’ também literário e não apenas um ‘documento’ histórico-filológico) colocaria no centro da crítica especializada: os confrontos entre Beowulf e os monstros, habitantes e encarnações de *otherworlds* subterrâneos e subaquáticos, de mundos ermos de desoladas sombras e temperaturas infernais.

Curiosamente e apesar da excelência guerreira a que já se aludiu, o primeiro sinal da vencibilidade do herói antecede a sua entrada em acção ao serviço de Hrothgar; referimo-nos à suplantação de Beowulf por Breca, provocatoriamente lembrada por Unferth,¹³ pouco após a recepção em Heorot:

“Then *Unferth* spoke, the son of Edgelaf,
sitting at the feet of the Father of the Scyldings,
(...). Beowulf’ undertaking,
the seaman’s bold venture, vexed him much.
He could not allow that another man
should hold under heaven a higher title
to wonders in the world than went with his own name.
‘Is this the Beowulf of Breca’s swimming match,
who strove against him on the stretched ocean,
when for pride the pair of you proved the seas
and for a trite boast entrusted your lives
to the deep waters, undissuadable
by effort of friend or foe whatsoever
from that swimming on the sea? **A sorry contest!**
Your arms embraced the ocean’s streams,
you beat the wave-way, wove your hand-movements,
and danced on the Spear-Man. The sea boiled with whelming
waves of winter; in the water’s power
you laboured seven nights: **and then you lost your
swimming-match,
his might was the greater**; morning found him
cast by the sea on the coast of the Battle-Reams.
He made his way back to the marches of the Brondings,
to his father-land, friend to his people,
and to the city-fastness where he had subjects, treasure
and his own stronghold. The son of Beanstan
performed to the letter what he had promised to you.
I see little hope then of a happier outcome
though in other conflicts elsewhere in the world
you may indeed have prospered – **if you propose awaiting
Grendel all night, on his own ground, unarmed.**” (vv. 499-528, 66-67; negritos nossos)

¹² Como nota, porém, Derek Pearsall, “The poem deserves to be rescued from such over-simplifications: its glory is to be impure.” (Pearsall 1977, 8)

¹³ Para a interpretação de Unferth como eventual encarnação ou personificação da *Discordia*, veja-se o ensaio de Morton W. Bloomfield 1980, 155-164.

À primeira vista, portanto, a natação de Beowulf revela igual vulnerabilidade à do rãguebi dos “Lobos” perante adversários mais fortes; contudo, na resposta (vv. 529-606, 67-70), o herói recorda os monstros marinhos que teve de enfrentar e contra-ataca, denunciando os homicídios perpetrados por Unferth¹⁴ e frisando a necessidade de uma exacta e integral correspondência entre as palavras (*words*) e os actos (*deeds*); aquilo que faz, em suma, do *boast* anglo-saxónico algo mais do que uma pura, simples e vã fanfarronice¹⁵ (Ou, como diria Hamlet, Príncipe da Dinamarca, *words, words, words ...*).

Mas das palavras passemos às acções. Como vimos, Unferth expressara dúvidas, reticências e mesmo descrença quanto às probabilidades de êxito de Beowulf contra Grendel; ora, se é certo que, dispensando o recurso a quaisquer armas e equipamentos,¹⁶ a força do herói é por si só suficiente para arrancar a mão, o braço e o ombro do ogre, que, de volta ao covil, viria a morrer dos ferimentos recebidos, **nem por isso** esta indiscutível vitória ‘fora de casa’ (recuperando a epígrafe de Alexander) deixa de ser antecedida pela morte de Handscio,¹⁷ que a presença **vigilante** do herói (É ele, recorde-se, o **único** homem acordado em Heorot)¹⁸ **não** permite evitar.¹⁹ O próprio Beowulf viria, aliás, a fazer alguma autocontrição:

¹⁴ “You have killed only kindred, kept your blade / for those closest in blood; you’re a clever man, Unferth, / but you’ll endure hell’s damnation for that.” (vv. 587-589, 69) Esta acusação será retomada pelo narrador: “All had faith in his spirit, / accounted his courage great --- though toward his kinsmen / he had not been / kind at the clash of swords.” (vv. 1164-1167, 87)

¹⁵ O próprio Hrothgar lamenta a discrepância entre o discurso e a prática dos seus homens: “They often boasted, when the beer was drunk, / and called out over the ale-cup, my captains in battle, / that they would here await, in this wassailing-place, / with deadliness of iron edges, the onset of Grendel. / When morning brought the bright daylight / this mead-hall was seen all stained with blood: / blood had soaked its shining floor, / it was a house of slaughter. More slender grew my / strength of dear warriors; death took them off...” (vv. 480-488, 66) Quase se poderia dizer, adaptando um conhecido lamento de *The Anglo-Saxon Chronicle: For twelve long winters, Hrothgar and his Danes wept...*

¹⁶ “He now uncased himself of his coat of mail, / unhelmed his head, handed his attendant / his embellished sword, best of weapons, / and bade him take care of these trappings of war. / Beowulf then made a boasting speech, / the Geat man, before mounting his bed: / ‘I fancy my fighting strength, my performance in combat, / at least as greatly as Grendel does his; / and therefore I shall not cut short his life / with a slashing sword – too simple a business. / He has not the art to answer me in kind, / hew at my shield, shrewd though he be / at his nasty catches. No, we’ll at night play / without any weapons – if unweaponed he dare / to face me in fight. (...)’” (vv. 671-685, 72)

¹⁷ **“Narrowly the powerful / kinsman of Hygelac kept watch how the ravager / set to work with his sudden catches; / nor did the monster mean to hang back. / As a first step he set his hands on / a sleeping soldier, savagely tore at him, / gnashed at his bone-joints, bolted huge gobbets, / sucked at his veins, and had soon eaten / all of the dead man, even down to his / hands and feet.”** (vv. 736-745, 74; negritos nossos); a identidade da vítima só será, porém, desvendada mais adiante (v. 2076, 116).

¹⁸ “Gliding through the shadows came / the walker in the night; **the warriors slept** / whose task was to hold the horned building, / **all except one**. It was well-known to men / that the demon could not drag them to the shades / without God’s willing it; yet **the one man kept / unblinking watch.**” (vv. 703-709, 73; negritos nossos)

¹⁹ Em nota de rodapé ao v. 741, Michael Alexander interroga-se: “Why does Beowulf allow Grendel to devour his companion Handscio? Perhaps it was felt necessary to involve Beowulf in the feud personally; perhaps Handscio is a sacrificial figure (...)” (162).

“I would prefer, though,
 that you had rather seen the rest of him here,
 the whole length of him, lying here dead.
I had meant to catch him, clamp him down
 with a cruel lock to his last resting-place;
 with my hands upon him, **I would have** him soon
 in the throes of death – unless he disappeared!
But I had not a good enough grip to prevent
his getting away, when God did not wish it;” (vv. 960-968, 81; negritos nossos)

No que toca ao combate com a mãe de Grendel, cujos sentimentos de dor e vingança é possível compreender e que, de resto, a ‘humanizam’,²⁰ a segunda vitória ‘fora’ é, **uma vez mais**, precedida de uma morte: a de Ashhere, o companheiro dilecto de Hrothgar.²¹ De Beowulf, é-nos dito que **não está presente**,²² ora, sem pretendermos questionar o repouso do guerreiro, poderá debater-se a **oportunidade** (e mesmo a **verosimilhança**) dessa ausência, atendendo não só ao inesperado (e **inevitado**) homicídio de Handscio na noite anterior, mas sobretudo porque, ao contrário de Beowulf, Hrothgar estava já a par da existência de um segundo monstro e do seu parentesco com Grendel.²³ Como se explica assim que o rei dinamarquês não tivesse informado o campeão sueco, por si mesmo contratado *ad hoc*, de uma potencial segunda ameaça?

Não menos estranho é o facto de, após o **falhanço** de Hrunting, a morte da mãe de Grendel ficar a dever-se a uma segunda espada²⁴ que Beowulf descobre numa parede da gruta

²⁰ Recorde-se também o parentesco de Grendel com Caim (vv. 104-114, 54), o que confere ao monstro um estatuto semi-humano.

²¹ “This was the hero that Hrothgar loved better / than any on earth among his retinue, / destroyed thus as he slept; he was a strong warrior, / noted in battle.” (vv. 1296-1299, 92) A afeição de Hrothgar por Ashhere transparece, aliás, da emocionada evocação feita pelo rei dos Scyldings: “ He was my closest counsellor, he was keeper of my thoughts, / he stood at my shoulder when we struck for our lives / at the crashing together of companies of foot, / when blows rained on boar-crests. Men of birth and merit / all should be as Ashhere was!” (vv. 1325-1329, 93)

²² “(Beowulf was not there: / separate lodging had been assigned that night, / after the treasure-giving, to the Geat champion.)” (vv. 1299-1301, 92; negritos nossos)

²³ “A bloodthirsty monster has murdered him in Heorot / a wandering demon; whither this terrible one, / glorying in **her** prey, glad of **her** meal, / has returned to, I know not. **She** has taken vengeance / for the previous night, when you put an end to Grendel / with forceful finger-grasp, (...) / Revenge is **her** motive, / and in furthering **her son’s** feud **she** has gone far enough, / (...) **I have heard it said** by subjects of mine / (...) **counsellors in this hall**, / that **they have seen such a pair / of huge wayfarers** haunting the moors, / otherworldly ones; **and one of them**, / as far as they might make it out, / **was in woman’s shape**; (...)” (vv. 1330-1351, 93; negritos nossos).

²⁴ “He saw among the armour there the sword to bring him victory, / a Giant-sword from former days; formidable were its edges, / a warrior’s admiration. This wonder of its kind / was yet so enormous that no other man / would be equal to bearing it in battle-play / -- it was a Giant’s forge that had fashioned it so well. / The Scylding champion, shaking with war-rage, / caught it by its rich hilt, and, careless of his life, / brandished its circles, and brought it down in fury / to take her full and fairly across the neck, / breaking the bones; the blade sheared / through the death-doomed flesh. She fell to the ground; / the sword was gory; he was glad at the deed.” (vv. 1557-1569, 100)

e utiliza *in extremis*, embora a inutilidade ou inoperacionalidade de Hrunding possa atribuir-se ao facto de esta lhe ter sido emprestada por Unferth. Recordemos esses passos:

**“Not least among these mighty aids
was the hilted sword that Hrothgar’s spokesman,
Unferth, lent him in his hour of trial.
Hrunding was its name; unique and ancient,
its edge was iron, annealed in venom
and tempered in blood; in battle it never
failed any hero whose hand took it up
at his setting out on a stern adventure
for the house of foes.”** (vv. 1455-1463, 97; negritos nossos)

Porém, e surpreendentemente,

“He [Beowulf] dashed out his weapon,
not stinting the stroke, and with such strength and violence
that the circled sword screamed on her head
a strident battle-song. **But the stranger saw
his battle-flame refuse to bite
or hurt her at all; the edge failed
its lord in his need. It had lived through many
hand-to-hand conflicts, and carved through the helmets
of fated men. This was the first time
that this rare treasure had betrayed its name.**
(...) Furious, the warrior flung it to the ground,
spiral-patterned, precious in its clasps,
stiff and steel-edged; **his own strength would suffice him,
the might of his hands.”** (vv. 1519-1534, 99; negritos nossos)

Contudo, a morte da mãe de Grendel não será **sequer** obra das mãos de Beowulf, mas, conforme se disse, de uma espada **de recurso...**

Ao considerarmos, por fim, o derradeiro combate de um Beowulf cinquenta anos mais velho²⁵ e entretanto coroado rei dos *Geats*,²⁶ será pertinente notar que, ao contrário dos anteriores, ele não é precedido de qualquer homicídio, mas --- um pouco à semelhança da mãe de Grendel --- por um acto retaliatório do dragão ao roubo de uma taça do seu tesouro ancestral, que o fará lançar fogo sobre numerosas habitações, incluindo a do próprio

²⁵ Período de tempo idêntico ao reinado de Hrothgar, o que convida ao estabelecimento de paralelismos como os sugeridos no início.

²⁶ Cremos não ter sido ainda suficientemente debatida, à luz da moral heróica, a intrigante sobrevivência de Beowulf à morte de Hygelac, focadas no seguinte passo: “That was hardly the least / of hand-to-hand combats **when Hygelac was slain, / when that kindly lord of peoples, the king of the Geats, / (...) among the hurl of battle / slaked the sword’s thirst on the soil of Friesland / and the blows beat down on him! / Beowulf came away / by the use of his force in a feat of swimming; / alone into the ocean he leapt**, holding / thirty men’s mail-coats on his arm.” (vv. 2553-2362, 125; negritos nossos) Vários estudiosos, apoiando-se na *Historia Francorum*, de Gregório de Tours (c.539-594), situam em 521 a morte de Hygelac (Chlochilaich ou Chlochilaicus, entre outras grafações), numa batalha travada contra os Francos junto à foz do rio Reno; cf. Thorpe 1985, 163-164.

Beowulf.²⁷ Apesar da idade avançada, o herói decide enfrentar o monstro por uma questão de consciência ou sentido de chefia e responsabilidade colectiva, enquadrando-se, pois, no perfil do *rex justus* de matriz agostiniana,²⁸ mas também por ter a noção de que este lhe é um desafio pessoalmente dirigido.²⁹ As características bélicas e morfológicas do seu adversário requerem a utilização de um escudo, uma espada e uma armadura **especiais**; no entanto, além da **menor** eficácia do escudo,³⁰ registre-se o **duplo falhanço** da espada, Nailing:

“The Geat chieftain
raised his hand, and reached down such a stroke
with his huge ancestral sword on the horribly-patterned snake
that, meeting the bone, **its bright edge turned
and it bit less strongly than its sorely-straitened lord
required of it (...)**
**He boasted of no triumphs then,
(...) for his good old sword
bared in the battle, his blade, had failed him,
as such iron should not do.**” (vv. 2575-2586, 132; negritos nossos)

e, páginas adiante,

“Then did that kingly warrior
remember his deeds again and dealt out a sword-blow
with his full strength: it struck into the head
with annihilating weight. **But Nailing snapped,
failed in the battle, Beowulf’s sword
of ancient grey steel. It was not granted to him
that an iron edge could ever lend him
help in a battle; his hand was too strong.**
I have heard that any sword, however hardened by wounds,
that he bore into battle, his blow would overtax
-- any weapon whatsoever; **it was the worse for him.**” (vv. 2677-2687, 136; negritos nossos)

Além da explicação pouco convincente avançada para a relativa inutilidade das armas no desempenho bélico de Beowulf,³¹ vale a pena, a propósito deste aparte, sublinhar as notações prolépticas disseminadas no texto, seja no extenso discurso de agradecimento de

²⁷ Como escreve Maria Angélica Varandas, profunda conhecedora das literaturas britânicas tradicionais de matriz oral e respectivas interpretações simbólico-mitológicas, “Cuspidor de fogo mas associado à água, guardião de tesouros dentro de cavernas profundas, (...) serpente alada causadora de ventos e tempestade, o dragão reúne em si próprio todos os elementos da natureza.” (Varandas 1999, 313, n. 7)

²⁸ Não será desapropriado recordar igualmente a importância concedida e reconhecida pelo *ethos* germânico à formação moral e comportamental do indivíduo, do guerreiro e do chefe/rei enquanto totalidade coerente e harmoniosa; essa totalidade íntegra, de resto, quer a moral heróica, que adiante retomaremos, quer a já citada correspondência entre palavras e actos.

²⁹ “This affair is not for you, / nor is it measured to any man but myself alone / to match strength with this monstrous being, / attempt this deed. By daring will I / win this gold; war otherwise / shall take your king, terrible life’s bane!” (vv. 2532-2537, 131)

³⁰ “For the famous prince / **the protection lent to his life and person / by the shield was shorter** than he had shaped it to be.” (vv. 2570-2572, 132; negritos nossos)

³¹ Na resposta a Unferth, Beowulf revela, porém, ter utilizado eficazmente a espada contra os monstros marinhos (vv. 553-561, 68), o que contradiz tal explicação.

Hrothgar (vv. 1698-1784, 104-107);³² em comentários do narrador que, infiltrando-se ou não no espírito do herói, veiculam insistentes apreensões no tocante ao desenlace da luta com o dragão;³³ e eventualmente também na deserção covarde dos companheiros de Beowulf,³⁴ à exceção do jovem Wiglaf, que, por duas vezes, antes e depois da morte do herói (vv. 2860-2891, 141-142),³⁵ lhes censurará tão flagrante quebra dessa ética de *comitatus* Tacitamente apresentada ao mundo romano nos finais do século I.³⁶ Todas estas vias contribuem para a construção e o adensamento progressivos de uma atmosfera crepuscular e trágica,³⁷ bem como para a exploração de tons e modos elegíacos que ressoam, quais acordes de um *requiem*, em muita da poesia do período anglo-saxónico; **mesmo a épico-heróica, porque os heróis também perdem** e, naturalmente, também morrem.³⁸ Como noutra lugar escrevemos:

³² Cf. o aviso/conselho de Hrothgar a Beowulf: “The noon of your strength / shall last for a while now, but in a little time / sickness or a sword will strip it from you: / either enfolding flame or a flood’s billow / or a knife-stab or the stoop of a spear / or the ugliness of age; or your eyes’ brightness / lessens and grows dim. Death shall soon / have beaten you then, O brave warrior!” (vv. 1761-1768, 106-107)

³³ “His breast was thronged / with dark unaccustomed care-filled thoughts.” (vv. 2331-2332, 124), “For the foremost of athelings / the term of his days in this transitory world / was soon to be endured; (...)” (vv. 2341-2343, 125) e “Gloomy was his spirit though, / death-eager, wandering; the weird was at hand / that was to overcome the old man there, / seek his soul’s hoard, and separate / the life from the body; not for long now / would the atheling’s life be lapped in flesh.” (vv. 2419-2424, 127)

³⁴ “The band of picked companions did not come / to stand about him, as battle-usage asks, / offspring of athelings; they escaped to the wood, / saved their lives.” (vv. 2597-2600, 133); em *The Battle of Maldon*, idêntico comportamento assumirão, entre outros, Godric, Godwine e Godwiw (Alexander 1982: vv. 185-197, 119).

³⁵ Do mesmo modo, confrontem-se as palavras e atitudes de Wiglaf em *Beowulf* com as de Aelfwine em *The Battle of Maldon* (*ibidem*: vv. 205-229, 119-120).

³⁶ “To throw away one’s shield is the supreme disgrace, and the man who has thus dishonoured himself is debarred from attendance at sacrifice or assembly. Many such survivors from the battlefield have ended their shame by hanging themselves. (...) The commanders rely on example rather than on the authority of their rank – on the admiration they win by showing conspicuous energy and courage and by pressing forward in front of their own troops.” (Mattingly 1983, 106-107) e ainda “On the field of battle it is a disgrace to a chief to be surpassed in courage by his followers, and to the followers not to equal the courage of their chief. And to leave a battle alive after their chief has fallen means lifelong infamy and shame. To defend and protect him (...) are the most solemn obligations of their allegiance. The chiefs fight for victory, the followers for their chief. Many noble youths, if the land of their birth is stagnating in a long period of peace and inactivity, deliberately seek out other tribes which have some war in hand.” (*ibidem*, 113)

³⁷ “Disaster is foreboded. **Defeat is the theme.** Triumph over the foes of man’s precarious fortress is over, and we approach slowly and reluctantly the inevitable victory of death.” (Tolkien 1980, 84; negritos nossos)

³⁸ No dizer de Dixon, “It [The Beowulf temper] was the temper of that long roll of Englishmen, soldiers, sailors, adventurers, explorers, to whom retreat was more bitter than death, who, rather than turn back from the task undertaken, challenged the fates themselves – **to pluck, how often, glorious success from the very heart of failure. Beowulf itself does not end, as it is sometimes demanded the epic should end, upon a note of success and triumph. Or if it end [sic] upon a note of triumph, it is triumph touched, as are all human triumphs, with a sense of the invincible hardness of the world. It is at best a losing battle in which mankind is engaged, and Beowulf is throughout his life the leader of a forlorn hope.** Again and again he is successful in spite of odds, foot by foot he grapples with destiny unafraid, but he knows that there is but one way, and that he must tread at last the pathway to the shades.” (Dixon 1912, 73; negritos nossos)

“Assim sendo, à **não incompatibilidade entre heroísmo e elegia** (ou **heroísmo e tragédia**) poderemos talvez acrescentar uma segunda conclusão: a de que **o prestígio do herói (...) é, de certo modo, imune ou transcendente aos desfechos das ações em que se envolve, desde que a condição *sine qua non* da moral heróica seja respeitada**. Na verdade, a vitória de um Beowulf envelhecido sobre o dragão confirma, mais do que engrandece, uma reputação assente nos feitos sobrehumanos da juventude **e de tal modo sólida que não sai beliscada pelo facto de o herói perecer após uma vitória na qual é ajudado, tal como Bryhtnoth e todos quantos lhe permanecem fiéis até à morte não saem diminuídos, mas exaltados, pela derrota em Maldon**; pelo contrário, o texto torna claro que a mancha indelével da vergonha cairá sobre os nomes dos desertores. **O fracasso não está, pois, na derrota nem na morte, mas na disjunção operada entre elas, [39]** na medida em que a escolha deliberada e consciente da sobrevivência abre brechas incolmatáveis nas muralhas éticas e comportamentais da moral heróica, tão lapidarmente sintetizada por Byrhtwold. [40]” (Alarcão 2001, 74-75; negritos nossos)

Ao abordar, em “The Hero as Divinity”, a mitologia dos povos escandinavos, também Thomas Carlyle (1795-1881) viria a escrever, em 5 de Maio de 1840:

“They understood in their heart that it was indispensable to be brave; (...) It is an everlasting duty, valid in our day as in that, the duty of being brave. *Valour* is still *value*. The first duty of a man is still that of subduing *Fear*. We must get rid of *Fear*; we cannot act at all till then. (...) A man shall and must be valiant; he must march forward, and quit himself like a man --- trusting imperturbably in the appointment and choice of the upper Powers; and, on the whole, not fear at all. Now and always, the completeness of his victory over *Fear* will determine how much of a man he is.” (Carlyle 1973, 268)

Retomando a analogia de Alexander, se há pouco relativizávamos, porque precedidas de homicídios inevitados e marcadas por insucessos vários, as vitórias ‘fora’ de Beowulf, o mesmo se poderia dizer agora da derrota ‘em casa’ contra um ‘super-dragão’, vencido apenas pelos golpes conjuntos de Wiglaf e Beowulf, que sucumbirá aos ferimentos recebidos durante a contenda.⁴¹ Por outras palavras: se, conforme sugerimos no início, uma ‘vitória moral’

³⁹ [Nota 58 no original] “Sobre a comunidade heróica, diz-nos Aers: **‘In such a community failure is not constituted by defeat in itself**. Heroic works produced in ‘Christian’ cultures witness to this view (...) for example, the *Chanson de Roland*, the *Battle of Maldon*, Malory’s ‘*Arthuriad*’. (...) **Similarly, victory won by strategies** (...) cannot contribute to honour. It **may actually be worse than the most decisive defeat for those upholding the identity of heroic communities**. For in these, virtue is the correct fulfilment of the given social role, in the actions and language required by that role, while failure to do this is villainy, dishonour.” (Aers 1988, 158; negritos nossos)

⁴⁰ [Nota 59 no original] “‘Courage shall grow keener, clearer the will, / the heart fiercer, as our force faileth. / Here our lord lies levelled in the dust, / the man all marred: he shall mourn to the end / who thinks to wend off from this war-play now. / Though I am white with winters I will not away, / for I think to lodge me alongside my dear one, / lay me down by my lord’s right hand.’” (Alexander 1982: vv. 312-319, 123). Como nota Tolkien, referindo-se a estas palavras: “They are not reminders that fortune favours the brave, or that victory may be snatched from defeat by the stubborn. (...) The words of Byrhtwold were made for a man’s last and hopeless day.” (Tolkien 1980, 67, n. 12)

⁴¹ “(...) **in both Germanic and Christian terms the fact of death, of final physical defeat, is inevitable and relatively unimportant; what is of desperate importance is having fought the good fight**. And the dragon fight is not only the climax, but also the summary of Beowulf’s kingship and of his life --- in a sense he has always fought the dragon. (...) And finally, there is about Beowulf’s death an air of

pressupõe, de algum modo, uma ‘derrota efectiva’, dificilmente uma ‘vitória pírrica’ como esta poderá deixar de significar também uma ‘meia-derrota’ (ou um ‘empate técnico’...), temperada(o) embora pelo sabor agridoce dessa moral heróica tantas vezes vertida em *gnomic verses*.⁴²

Não sendo, logicamente, este o momento de, sobrevoando a paisagem literária inglesa ‘de Beowulf a Virginia Woolf’, inventariar e confrontar derrotas de heróis com o objectivo de reflectir sobre concepções e representações de heroísmo, perdoar-se-nos-á que, além de Beowulf e Bryhtnoth, evoquemos telegraficamente dois outros exemplos medievos: *Sir Gawain*, ao tremer leve, levemente, ante o Cavaleiro Verde,⁴³ apesar da protecção dispensada pela faixa da castelã⁴⁴ e que Gawain (que começara por recusá-la) oculta indevida e intencionalmente de *Lord Bertilak de Hautdesert*;⁴⁵ e Robin Hood, cuja mestria no manejo do arco não evita que o fora-da-lei seja frequentemente desfeitoado pela arma ou suplantado por outros companheiros nas baladas sobreviventes desde meados do séc. XV (Alarcão 2001, 138-144 *passim* e 165). Como interpretar as fraquezas, os inêxitos e os desaires de todos estes heróis? Não visarão eles introduzir, independentemente de géneros, textos e registos, um elemento ou uma nota de falibilidade que nos lembre as limitações e contingências inerentes à imperfeita condição humana, mas também que, mantendo a mente aberta, aprendemos tanto (porventura mesmo mais!) com as derrotas, encaradas na sua potencial dimensão de *Bildung* (isto é, como experiências, provas e factores de formação, aprendizagem

inevitability that tends to remove it from the cause-and-effect of even symbolic dragon’s tusks. **Poetically, it is perhaps less accurate to say that the dragon kills Beowulf, than that Beowulf dies fighting the dragon.**” (Kaske 1980, 308; negritos nossos)

⁴² “It is by glorious action / that a man comes by honour in any people.” (vv. 24-25, 51), e “It is better for a man / to avenge his friend than to refresh his sorrow. / As we must all expect to leave / our life on this earth, we must earn some renown, / if we can, before death; daring is the thing / for a fighting man to be remembered by.” (vv. 1383-1388, 94-95) e “Death is better / for any earl than an existence of disgrace!” (vv. 2890-2891, 142)

⁴³ “(...) Gawain glanced up at the grim axe beside him / As it came shooting through the shivering air to shatter him, / And **his shoulders shrank slightly** from the sharp edge.” (Stone 1983: vv. 2265-2267, 105; negritos nossos)

⁴⁴ “(...) the man that binds his body with this belt of green, / As long as he laps it closely about him, / no hero under heaven can hack him to pieces, / For he cannot be killed by any cunning on earth.’ / **Then the prince pondered, and it appeared to him / A precious gem to protect him in the peril appointed him / When he gained the Green Chapel to be given checkmate: / It would be a splendid stratagem to escape being slain.** / (...) She pressed the belt upon him [...] / And having got his agreement, she gave it him gladly, / Beseeching him for her sake to conceal it always, / And hide it from her husband with all diligence.” (*ibidem*: vv. 1851-1863, 90; negritos nossos)

⁴⁵ “He did not leave the lace belt, the lady’s gift: / **For his own good**, Gawain did not forget that! / (...) **Gawain wore the girdle not for its great value**, / Nor through pride in the pendants, in spite of their polish, / Nor for the gleaming gold which glinted on the ends, / **But to save himself when of necessity he must / Stand an evil stroke**, not resisting it with knife / Or sword.” (*ibidem*: vv. 2030-2042, 97; negritos nossos)

e amadurecimento pessoal), quanto com as vitórias? Até que ponto não interiorizámos já as palavras dos suecos “Abba” em 1980?

“The winner takes it all;
The loser’s standing small.
(...)
The gods may throw the dice,
Their minds as cold as ice;
And someone way down here
Loses someone dear.
The winner takes it all;
The loser has to fall.
It’s simple and it’s plain.
Why should I complain?”⁴⁶

Neste mundo hipermediático de “**ídolos**”, “**chuvas de estrelas**” e “**operações triunfo**”, onde “a **ganhar** é que a gente se entende”; nesta nossa contemporaneidade tão sensível a, sequiosa de e obcecada por ideias e imagens de fama e de sucesso (por efémeros que sejam...), se possível materializados de forma fácil, rápida, garantida e indolor, as campanhas de Beowulf (e dos “Lobos”) convidam a uma reflexão articulada e mais vasta sobre as relações conceptuais e pragmáticas entre “heroísmo” e “derrota”. Quanto mais não seja porque expressões como “o importante não é vencer, mas competir”, “só perde/é derrotado quem desiste de lutar”, “não se deve virar/voltar a cara à luta” e similares asseguram, em pleno século XXI, a sobrevivência de códigos e padrões ancestrais e imemoriais de comportamento heróico, **mesmo na hora e em caso de derrota**; aqueles com que ainda hoje avaliamos os caídos em combate ou no posto que, *in their finest hour*,⁴⁷ as suas consciências e circunstâncias (militares, políticas, religiosas, humanitárias, desportivas...) historicamente lhes impuseram no tempo e no espaço: dos desfiladeiros das Termópilas às planícies de Hastings, dos músicos do Titanic⁴⁸ às trincheiras da Flandres, das prisões políticas às praças de Lhasa, Tiananmen ou Myanmar, das primaveras húngaras, checoslovacas ou árabes aos fiordes escandinavos e aos relvados franceses.⁴⁹

⁴⁶ Disponível, entre outros *websites*, em

<http://www.lyricsfreak.com/a/abba/the+winner+takes+it+all_20002664.html>.

⁴⁷ Expressão utilizada por Sir Winston Churchill (1874-1965) num célebre discurso na Câmara dos Comuns, proferido em 18 de Junho de 1940.

⁴⁸ Confrontem-se os comportamentos bem distintos, separados por um século, dos comandantes do “Titanic” (Capitão Edward John Smith, 1850-1912) e do “Costa Concordia” (Francesco Schettino, 1960-) perante os naufrágios dos respectivos navios.

⁴⁹ Reportando-se a *The World of the Shining Prince*, de Ivan Morris, escreve Marguerite Yourcenar (1903-1987): “A sua tese (...) é que o amor dos vencidos morrendo por uma causa perdida é eminentemente japonês e que o Ocidente apenas venera os vencidos cuja causa pelo menos triunfou. Parece-me no entanto que o amor das causas perdidas e o respeito por quem morre por elas é de todos os países e de todos os tempos. (...) Pus na boca de um imperador romano, ao escrever a sua história [*Mémoires d’Hadrien*, 1951], que chega um momento em que ‘a vida para cada homem é uma derrota assumida.’” (Yourcenar 1984, 71-72)

Referências da bibliografia selecionada:

A – Primária:

Alexander, Michael, trad. 1984 [¹1973]. *Beowulf*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., “Penguin Classics”.

-----, trad. ²1982 [¹1966]. *The Earliest English Poems*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., “Penguin Classics”.

B – Secundária:

B.1 – Geral:

Alexander, Michael. 1986 [¹1983]. *Old English Literature*. Houndmills, Basingstoke, and London: Macmillan, “Macmillan History of Literature”.

Baldick, Chris. 1991 [¹1990]. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. Oxford and New York: Oxford University Press, “Oxford Reference”.

Barber, Richard e Anne Riches. 1975 [¹1971]. *A Dictionary of Fabulous Beasts*. Ipswich: The Boydell Press.

Baugh, Albert C. ²1980 [¹1948]. *A Literary History of England - The Middle Ages*. London and Henley: Routledge & Kegan Paul, “A Literary History of England”, vol. I.

Bloom, Harold. 2007. *Beowulf*. New York: Chelsea House/Infobase Publishing, “Bloom’s Modern Critical Interpretations”.

Campbell, Joseph. 1988 [¹1949]. *The Hero with a Thousand Faces*. London: Paladin Grafton Books.

Carlyle, Thomas. 1973 [¹1908]. *Sartor Resartus – On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*. London: J. M Dent & Sons/New York: Dutton, “Everyman’s Library”.

Cuddon, J. A. 1982 [¹1977]. *A Dictionary of Literary Terms*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., “Penguin Reference”.

Daiches, David. ²1972 [¹1960]. *A Critical History of English Literature – From the Beginnings to the Sixteenth Century*. London: Secker and Warburg, “A Critical History of English Literature”, vol. I.

Dixon, W. Macneile. 1912. *English Epic and Heroic Poetry*. London: J. M. Dent & Sons/New York: E. P. Dutton & Co., “The Channels of English Literature”.

Ebbutt, M. I. 1937 [¹1910]. *Hero-Myths & Legends of the British Race*. London: George G. Harrap & Company.

Elsbree, Langdon. 1982. *The Rituals of Life. Patterns in Narratives*. Port Washington, New York and London: Kennikat Press - National University Publications, "Series in Modern Literary Criticism".

Hoult, Janet. 1987 [¹1978]. *Dragons: Their History & Symbolism*. Glastonbury, Somerset: Gothic Image Publications.

Legouis, Émile e Louis Cazamian. 1948 [¹1926-27]. *A History of English Literature*. London: J. M. Dent & Sons.

Jones, Gwyn. 1972. *Kings, Beasts and Heroes*. London, New York and Toronto: Oxford University Press.

Lord, Albert B. 1960. *The Singer of Tales*. Cambridge, Massachusetts, and London: Harvard University Press, "Harvard Studies in Comparative Literature", nº 24.

Merchant, Paul. 1971. *The Epic*. London: Methuen & Co. Ltd, "The Critical Idiom".

Nicholson, Lewis E. e Dolores Warwick Frese, (eds.) 1975. *Anglo-Saxon Poetry: Essays in Appreciation for John C. McGalliard*. Notre Dame, Indiana, and London: University of Notre Dame Press.

Pearsall, Derek. 1977. *Old English and Middle English Poetry*. London, Henley, and Boston: Routledge & Kegan Paul, "The Routledge History of English Poetry", vol. I.

Tillyard, E. M. W. 1966 [¹1954]. *The English Epic and its Background*. New York: Oxford University Press/Galaxy.

B.2 – Específica:

Bloomfield, Morton W. 1949-1951. *Beowulf* and Christian Allegory: An Interpretation of Unferth. *Traditio*, VII, 410-415; reed. in Nicholson, ed. 1980, 155-164.

Kaske, R. E. 1957. *Sapientia et Fortitudo* as the Controlling Theme of *Beowulf*. *Studies in Philology*, LV, 423-457; reed. in Nicholson, ed. 1980, 269-310.

Nicholson, Lewis E., ed. 1980 [¹1963]. *An Anthology of Beowulf Criticism*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press.

Rogers, H. L. 1955. *Beowulf's Three Great Fights*. *Review of English Studies*. Oxford: The Clarendon Press, VI, 339-355; reed. in Nicholson, ed. 1980, 233-256.

Shippey, T. A. 1978. *Beowulf*. London: Edward Arnold Ltd., "Studies in English Literature", nº 70.

Tolkien, J. M. W. 1936. *Beowulf: The Monsters and the Critics*. *Proceedings of the British Academy*, no. XXII, 245-295; reed. in Nicholson, ed. 1980, 51-103.

Varandas, Maria Angélica. 1999. O Dragão: (pre)figurações de combate em *Beowulf*. *Anglo-Saxónica. Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri, Série II, nos. 10/11, 309-336.

Whitelock, Dorothy. 1951. *The Audience of Beowulf*. Oxford: at the Clarendon Press.

C – Vária:

Aers, David. 1988. 'In Arthurus day': community, virtue, and individual identity in *Sir Gawain and the Green Knight*. In *Community, Gender and Individual Identity. English Writing 1360-1430*. London and New York: Routledge, 153-178.

Alarcão, Miguel. 2001. *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c.1377-1837)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas".

Mattingly, H., trad. 1983 [¹1948]. Tacitus, *The Agricola and the Germania*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., "Penguin Classics".

Stone, Brian, trad. ²1983 [¹1959]. *Sir Gawain and the Green Knight*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., "Penguin Classics".

Thorpe, Lewis, trad. 1985 [¹1974]. Gregory of Tours, *The History of the Franks*. Harmondsworth, Middlessex: Penguin Books Ltd., "Penguin Classics".

Yourcenar, Marguerite. 1984. A nobreza da derrota. *O Tempo esse grande escultor*. Lisboa: Difel, 61-72.

<http://www.lyricsfreak.com/a/abba/the+winner+takes+it+all_20002664.html

> (Consultado em 14.05.2012).



Beowulf e Gretel

